

## trair lacan ou observações sobre a pele do babaca<sup>1,2</sup>

### **Ricardo Goldenberg<sup>3</sup>**

J'ai eu la peau du con  
Sade via Lacan (via Jacques-Alain Miller)

Je triomphe ! j'ai de la peau du con  
Sade (da própria pena)

### **Abertura**

*Como ler Lacan?*, eis a questão. Ou ainda, *o que ler quer dizer?* Penso menos na leitura em geral – embora seja um tema interessante: o lugar da letra, isso tudo – como o que significa ler em psicanálise e, especialmente, o quê ler Lacan.

Porque Lacan é para nós um *ser de escrita* ou de escritura (no sentido de Barthes). O que ele mesmo chamava seu ensinamento é para nós questão de leitura. E aqui já temos um certo ruído de fundo, que consiste na diferença entre o que sabemos que veio da própria pena do mestre e a montanha de transcrições “estabelecidas” das coisas que ele disse. E que disse a públicos os mais diversos, embora ele martelasse aquilo de que só se dirigia a psicanalistas.

Não pretendo entrar no mérito do estabelecimento escrito da produção oral, porque já disso se falou *ad nauseam*. Apenas lembrar que o tal do estabelecimento do texto é uma leitura, não uma simples transcrição. E mesmo que fosse, a escolha da pontuação é uma decisão interpretativa do transcritor e determina o sentido. Quanto a isso, não me parece haver lugar a controvérsia alguma. O sonho de uma passagem integral do sentido da mensagem de um autor, pela via da transcrição da sua fala pública, sem distorção, é apenas isso, um sonho.

Evoco coisas tão repisadas porque os psicanalistas da minha geração e da anterior carregamos escrito nas costas um adjetivo que nos define como leitores privilegiados de Lacan. O povo escolhido além mar. Fomos nomeados *lacanoamericanos*.

Será que alguém aqui ainda não conhece a estória de como, antes de vir fincar a bandeira da colonização lacaniana em Caracas, o mestre se despede dos seus alunos em Paris com uma *blague*: “Vou visitar meus *lacanoamericanos*, eles são o futuro do que ensino, porque só me lêem, nunca me viram nem ouviram de viva voz”<sup>4</sup> Não seria a primeira vez que uma *blague* de Lacan não apenas não fazia ninguém rir como era tratada com a seriedade de uma consigna, mas em Buenos Aires, provocou um verdadeiro frenesi. Muitos que nada tinham de bobos saíram repetindo por aí que depois de trinta anos Lacan realizava o derradeiro ato analítico: renegar todos seus discípulos e amigos franceses para escolher gente que nunca tinha visto mais gorda como os legítimos herdeiros do seu espólio espiritual.

Como o mestre morreu logo depois de Caracas, esta ridiculez virou a sua última palavra, seu testamento. E a guerra mais ou menos fria a que deu origem dura até hoje, entre *lacanoamericanos*, guardiões da letra, e os *apóstolos* (do grego: *ἀπόστολος*, “enviado”; de *apo*: fora, longe e *stelle*: enviar) que, como todo mundo sabe, são aqueles que o viram e escutaram de viva voz. Não faz muito tempo um deles contestava a minha leitura de uma

passagem de um seminário com o argumento de “eu vi, eu estava lá, logo, eu sei”. Contudo, se guerra de exegetas, de hermeneutas e de talmúdicos há, ela dar-se-á no campo da letra e não das lembranças da sua pregação viva. Não é à toa que um desses apóstolos se apresente precisamente como leitor; o leitor, o único talvez que sabe lê-lo.

Em todo caso, quero chegar a que lacanoamericanos ou apóstolos falamos todos um idioma comum, um idioleto conhecido entre nós como *lacanês*. Dezenas de dicionários mais ou menos exaustivos foram publicados para ensinar os turistas a se comunicar com os habitantes da terra de Lacania, como a chamava Perrier, um dos primeiros apóstolos, que morreu como um renegado da palavra do seu senhor. Este idioma comum nos faz acreditar não apenas que somos filhos do mesmo clã, membros da mesma comunidade, fregueses da mesma paróquia, como que nos entendemos. E mais, nos permite também imaginar que pensamos; que juntar fórmulas cristalizadas, como ladrilhos de Lego, equivale a construir castelos conceituais para maior glória do reino de Lacania.

Jargonofasia ou não, existe uma monumental obra escrita e ela está escrita em francês. E quando digo que Lacan é um ser de escrita afirmo também que, por bem ou por mal, ele existe dentro da língua francesa. Ora, o problema com os ditos *lacanoamericanos*, os que nos relacionamos apenas com um Lacan de escritura, é menos o de não sermos apóstolos que o de não sermos franceses. E este problema nos concerne e a mais ninguém. Admitamos, em que pesem as dificuldades, fiar-nos do estabelecimento de um texto “original” de Lacan. Ali se inicia, ali se abre a tarefa monumental da *tradução* da obra. E na tarefa de tradução já não é mais possível esquecer que se trata de uma leitura. Se, no esforço de estabelecimento do texto em francês, ainda se pode escamotear ou disfarçar o lugar do leitor, isso já não é mais possível na tradução.

A tradução é uma tarefa impossível, e digo impossível no mesmo sentido em que Freud dizia serem impossíveis analisar, educar e governar. Mas, assumir a responsabilidade por uma tradução não pode ser a tarefa de um só, por melhor dotado que seja. Se o estabelecimento não deveria ser a tarefa de um só (basta cotejar a versão de Seuil com a versão de Stecriture, resultado de uma equipe de trabalho, do seminário dito “da transferência”, para se perceber o que estou dizendo), assumir a tradução da obra de Lacan de modo solitário não beira o temerário, beira o irresponsável. É neste ponto que me parece necessário começarmos a pensar na prática de *outra política da língua*.

### **Falando o idioma dos lacanianos**

Longa mesa de jantar, muitos convidados. O pai, à cabeceira, levanta da cadeira, bate com o garfo na taça e diz: “proponho uma torrada para a noiva e o noivo”. Versão brasileira de “*a toast for the bride and groom*”. Podemos rir, mas receio não nos sairmos muito melhor ao abordar o texto lacanianos em português.

Não se trata aqui de pontificar sobre como se deve ou não ler, mas de perguntar-se pelas consequências do modo como nos chega a obra de Lacan. Textos tergiversados e nos quais a nossa língua é errada a ponto de caber a pergunta se o que se pretende demonstrar, despejando bibliografia assim ofendida, não é a tese lacanianos de que publicar é equivalente a produzir lixo.<sup>5</sup>

Que o estilo de Lacan seja o que é (aforístico, gongórico, mallarmeano, críptico, alusivo, preciosista, maneirista, insuportável...) serve, com demasiada frequência, de álibi para um

vale tudo e um descaso editorial que raia o total desrespeito pelo leitor suposto. E não tenho certeza se se aplica aqui a crítica ao ineficiente controle de qualidade de tantos produtos que, cuidados no exterior, são descuidados no Brasil (a embalagem pac pode ser aberta perfeitamente com os dedos, nos Estados Unidos; entre nós, apenas com ajuda de uma tesoura). Diz-se que enquanto haja quem os consuma, ou seja, enquanto houver mercado para eles, seguirão sendo fabricados e vendidos com a mesma (falta de) qualidade. Um lacanofrancês, a quem comentava que seu livro traduzido ao português era praticamente ilegível (tive que comprá-lo novamente no original, não por preciosismo mas para poder minimamente tirar proveito dele), respondeu que, segundo seu editor, “estava vendendo bem no Brasil”.

“Está vendendo bem” como resposta ao “não dá para ler” quer dizer não só que o autor é bastante menos devotado à causa da “transmissão” do que pretende fazer acreditar, como também que profissionais para quem a língua é o solo em que caminham, o ar que respiram, a carne que comem e a água que bebem se conformam alegremente com atrocidades como as que apresento a seguir, a título de vinhetas exemplares do que gostaria de chamar, parafraseando Jean-Claude Milner, *o ódio da língua*. Que o comentário de tais vinhetas seja mínimo deve-se a que me interessa menos os assuntos em pauta que a forma como nos chegam em nossa desditada língua. Não me detenho, portanto, nos detalhes, além do grau necessário para que se entendam as ilustrações. Cada uma delas poderia ser o ponto de partida de um trabalho. Se alguém se sentir devidamente provocado e se habilita, tanto melhor.

### **A violação da fechadura**

Na “Abertura desta Compilação”<sup>6</sup>, nos *Escritos*, evoca-se um livro de 1714 de um tal de Alexander Pope chamado *The Rape of the Lock*. Trata-se de um romance galante cuja trama gira em torno da circulação de um cacho do cabelo roubado a uma moça chamada Belinda. Como *lock*, *boucle*, também quer dizer “fechadura”, todo um artigo dedicado a esta evocação divaga a propósito da violação da fechadura da virgindade da moça. Não digo que seja impropriedade, digo que uma abordagem desta passagem não pode desconhecer que, antes de entregar-se à metonímia da palavra *lock*, trata-se ali do caracol do cabelo da moça.

### **A alegre visão d’isso**

Lacan brinca com o título de uma obra de Nietzsche traduzida ao francês como *Le Gai Savoir* – entre nós, *A Gaia Ciência*. Brinca, digo, escrevendo-o assim: *Le Gai Ça-voir*. Um trabalho brasileiro dedicado ao assunto entrega-se a todo tipo de elucubrações sobre “a alegria de ver o isso” sem indicar, em momento algum, que se trata de um jogo homofônico com o título de um livro de Nietzsche. Fato notório para o público francôfono do Seminário, solenemente ignorado pelo autor do texto em português.

### **Minha objeção ao falente**

Claudia Berliner, tradutora e amiga, defendia, pela sua inegável elegância, a tradução de “falente” para o *parlêtre*. Eu argumentava que, ao tratar-se também de um conceito e não apenas de poesia, substituir “ser” por “ente”, na palavra-valise, implicava em um desvio problemático do lado da teoria. Os velhos “falessen”<sup>7</sup> ou “falasser”, embora menos bonitos, afiguram-se melhor ajustados a sua função.

## Meu apreço do significante sê-lo

M.D. Magno fez o feliz achado do *significante sê-lo* para transcriar o *signifiant m'être*. Sua tradução, na minha opinião, melhora o original, e está mais perto do que Lacan parece querer fazer passar com o neologismo.

## A propósito de uma carta desviada

Ne boudez pas, j'évoque de biais ce que je répugne à couvrir de la carte forcée de la clinique.  
A savoir, la juste façon de répondre à la question: Qui parle? quand il s'agit du sujet de l'inconscient.  
(Lacan via Jacques-Alain Miller)<sup>8</sup>

Don't go into a sulk, I am merely referring obliquely to what I am reluctant to cover with the distorting map of clinical medicine.  
Namely, the right way to reply to the question, 'Who is speaking?', when it is the subject of the unconscious that is at issue.  
(Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Alan Sheridan)<sup>9</sup>

No lo tomen a mal, evoco al sesgo lo que me resisto a cubrir con el mapa forzado de la clínica.  
A saber, la manera justa de contestar a la pregunta quién habla?, cuando se trata del sujeto del inconsciente.  
(Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Andrés Segovia)<sup>10</sup>

Não façam cara feia, evoco de viés o que me repugna encobrir com a carta marcada da clínica.  
Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta quem está falando?, quando se trata do sujeito do inconsciente.  
Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Vera Ribeiro<sup>11</sup>

Não façam beicinho, evoco de viés o que me repugna cobrir com a carta forçada da clínica.  
A saber, a maneira certa de responder à pergunta “quem está falando?”, quando se trata do sujeito do inconsciente.  
(Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Ricardo Goldenberg)

Quando se fala dos ofícios impossíveis, ninguém menciona o tradutor. Não deixa de ser uma grande injustiça, já que talvez seja o mais impossível de todos. Esta “carta forçada”, que Lacan tirou da manga para esconder logo a seguir, frente a uma audiência de estudantes de filosofia convidados por Jean Wahl para ouvi-lo discorrer sobre dialética, pode servir para ilustrar este ponto.

Em francês, a expressão *forcer la carte à quelqu'un* não é forçada. Significa coagir alguém a fazer algo que não queria ou não pretendia fazer; ao menos, não naquele momento. Como quando se diz “forçar a mão (ou a barra)” de alguém. A expressão francesa vem do ofício dos mágicos. O prestidigitador oferece o baralho ao espectador e empurra uma carta, sem que o outro desconfie que não está escolhendo livremente. Voltaremos a como a clínica poderia ser uma carta forçada. Antes, vejamos as opções dos tradutores frente ao texto de Lacan.

Alan Sheridan e Andrés Segovia se perderam na geografia de Translacania, armados com uma cartografia digna de Jorge Luis Borges ou de Italo Calvino. Lembro que aquele “mapa forçado” deu o que falar a um navegante que desejava partir do porto de Buenos Aires, e que chegou à conclusão de que o problema devia ser de escala.<sup>12</sup> Já o norteamericano explica que se trata do “mapa distorcido da clínica médica”, que impede o caminhante de encontrar a sua

rota na procura do sujeito do inconsciente. Vera Ribeiro nos passa uma carta marcada na mão que nos dá, está melhor encaminhada, embora não se saiba muito bem de que jogo a clínica seria uma carta marcada, e marcada para ludibriar qual jogador.

Quem entendeu de que modo a clínica psicanalítica pode funcionar como uma carta *forçada* foi Bernardo Carvalho, quando se recusou a tomá-la das mãos de uma psicanalista com quem debatia sobre arte e loucura, durante uma mesa redonda. Não lembro as suas palavras exatas, mas sim sua irritação com o que chamou “a atitude dos psicanalistas” de pôr a clínica como curinga, para completar qualquer mão e ganhar o jogo. E eu concordo com o escritor, a clínica, como o raio divino da história, não é um argumento.<sup>13</sup> *Esta* seria a carta que Lacan se recusa a passar aos seus ouvintes da filosofia.

E por quê? Porque a clínica é precisamente o que pede uma fundamentação *de jure*, e esta não se consegue invocando, com ares de autoridade, as suas virtudes *de facto* (quaisquer sejam elas). O psicanalista se dispõe a conversar com os filósofos com o intuito de avançar na elaboração dos critérios de tal fundamentação, não para fazê-los engolir uma concepção de sujeito que talvez fosse repugnante para seus paladares educados no *cogito*.<sup>14</sup>

As condições de possibilidade da clínica que faz existir este sujeito no real não são empíricas, nem ele é um dado natural. Faz-se necessário argumentar, e fazê-lo nos mesmos termos com que foi conceitualizada a noção de subjetividade até então. A subversão do sujeito é um acontecimento de discurso, e seu real se verifica clinicamente, sim, mas *não sem* precisas coordenadas teóricas de leitura, fora das quais ele não poderia sequer ser reconhecido.

### **Tive os gritos do tradutor, acabei com a sua raça!**

Je vous laisse à rechercher dans *Juliette*, voire dans *Les 120 journées*, ces quelques passages où les personnages, tout occupés à assouvir sur ces victimes choisies leur avidité de tourments, entrent dans cette bizarre, singulière et curieuse transe, je vous le répète, plusieurs fois indiquée dans le texte de Sade, et qui s’exprime en ces mots étranges en effet qu’il me faut bien ici articuler : « J’ai eu, s’écrie le tourmenteur, j’ai eu la peau du con ». (Lacan via Jacques-Alain Miller)<sup>15</sup>

Les dejo buscar en “Juliette”, y hasta en “Los 120 días...”, esos pocos pasajes donde los personajes, ocupados en saciar sobre las víctimas elegidas su avidez de tormentos, entran en ese caprichoso, singular y curioso trance, lo repito, varias veces indicado en el texto de Sade, y que se expresa en estas extrañas palabras que tengo que articular aquí: “He tenido, exclama el torturador, he tenido la piel del imbécil.” (J’ai eu, s’écrie le tourmenteur, j’ai eu la peau du con). (Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Irene Agoff)<sup>16</sup>

Deixo-os procurar em *Juliette*, ou então em *Les cent vingt journées*,...o punhado de passagens em que os personagens, inteiramente ocupados em saciar com suas vítimas escolhidas a sua avidez de tormentos, entram num transe bizarro, singular e curioso, que se exprime em palavras tão estranhas, na verdade, que preciso articula-las aqui: Tive os gritos do torturador, acabei com a raça do imbecil. (Lacan (via Jacques-Alain Miller) via Vera Ribeiro)<sup>17</sup>

I will leave you to search in *Juliette*, even in the *One hundred and twenty days*, these few passages where the characters, completely occupied in slaking on these chosen victims their greed for tormentos, enter into this bizarre, singular and curious trance, indicated, I repeat, on several occasions in the text of Sade, which is expressed in these strange words, in effect that it is necessary for me to articulate here: “I had,” cries the tormentor, “I had the skin of the cunt”. (Lacan via Cormac Gallagher)<sup>18</sup>

Há aqui dois estranhamentos, e são de grau diferente; o de Lacan, frente às palavras do personagem de Sade, e o dos tradutores, frente ao estranhamento de Lacan. Este último seria como que um estranhamento grau dois.

O tradutor espanhol nos deixa saber em nota de rodapé que *avoir la peau de quelqu'un* quer dizer, coloquialmente, “vingar-se dele”, mas opta por uma versão literal: “*he tenido la piel del imbécil*”.

A tradutora brasileira resolveu a mesma perplexidade entregando-se ao sentido figurado, o que a obriga a livrar-se a uma série de contorções e de reescrituras para botar na conta do Lacan uma frase coerente com o que ela entendeu do que ele disse. Ou seja, como tinha concluído que “*j’ai eu la peau du con*” devia ser entendido como “*acabei com a sua raça*”, pois bem, devia decidir a raça de quem estava em jogo naquela ocasião. Decidiu que era a do carrasco. Então, em vez de “*Tive, gritou o torturador*” ela nos presentéia com um “*Tive os gritos do torturador*”. E os leitores lusofalantes perguntar-se-ão em vão, quem fez o torturador gritar: foi Sade? Foi Lacan? Na minha opinião, haveria de escrever aqui: “*Tive os gritos do tradutor, acabei com a sua raça!*”, assinado Jacques Lacan.

Mas o espanto de Lacan é de natureza muito diversa.

Todos parecem ter dado por líquido e certo que ele se referia ao adjetivo *con* que, de fato, traduz o nosso “babaca”. Isso porque ninguém – a não ser Cormac Gallagher, que matou a charada da pele do babaca – se deu ao trabalho de ir atrás da referência de Lacan. E a desonestidade de alguns chega ao ponto de incluir, em nota de rodapé “confrontar com tal edição de *Os 120 dias de Sodoma*, ou tal edição de *Juliette*”, sem sequer terem aberto uma ou outra. Se o tivessem feito, como meu amigo Alejandro Viviani me mostrou, teriam descoberto que não há nada em *Os 120 dias*[...] e, portanto, não é uma fonte. Mas, em *A história de Juliette ou as prosperidades do vício* encontramos o seguinte:

O gabinete onde nos recebeu o duque era redondo; todo coberto de espelhos; no meio, havia um toco de coluna de mármore de aproximadamente seis polegadas de altura. Fez-me subir a um pedestal; o valete, que nos dava as ordens e que servia aos prazeres do seu senhor, amarrou meus pés a correntes de bronze colocadas de propósito no bloco; a seguir, ergueu meus braços e os amarrou a uma corda que os mantinha tão alto quanto era possível.

Só depois disso o duque se aproximou; até então, ele estivera refestelado em um canapé onde estimulava de leve seu membro. Totalmente nú da cintura para baixo, cobria seu peito um simples colete de setim marrom; seus braços estavam descobertos; no esquerdo tinha um punhado de vergas, finas e flexíveis, amarradas com um laço preto. O duque, de quarenta anos, tinha uma expressão muito dura, e pensei que a sua moral não seria mais doce que seu aspecto.

– Lubin – disse ao seu valete – esta parece-me melhor do que as outras, sua bunda é mais fofa, sua pele mais delicada, seu rosto mais interessante; compadeço-me dela porque vai sofrer mais. E, assim falando, o vilão, aproximando seu focinho do meu traseiro, beijou primeiro e mordeu depois. Solto um berro.

– Ah, ah!, és sensível, ao que parece. Tanto pior, pois ainda não terminamos contigo.

E nesse momento senti como suas unhas curvas afundavam profundamente em minhas nádegas, arrancando-me a pele em dois ou três lugares. Novos gritos que lancei só fizeram excitar mais ainda aquele celerado, que levou então dois de seus dedos ao interior da minha vagina, só retirando-os junto com a pele dilacerada desse lugar delicado. – *Lubin – diz então, mostrando seus dedos ensangüentados ao seu valete – meu caro Lubin, triunfo!, estou com a pele da boceta.*

E assim dizendo, a pôs na cabeça do membro de Lubin que, naquele momento, apresentava a maior ereção.

*Je triomphe ! j'ai de la peau du con.*<sup>19</sup>

O trabalho de leitura está feito com o esclarecimento deste *con*, derivado do latim *cunnus* e que deu *cunt*, em inglês e *coño*, em espanhol? Claro que não! Mal começou, mas convenhamos que o espanto, ou diria até, o encantamento de Lacan – que está por sua vez colecionando figuras do recém inventado objeto (a) – frente ao êxtase do duque exibindo, como um troféu, a pele arrancada da vagina, revela-se bastante menos enigmático. E ainda que esta pele dê pano para manga, não há de ser para confeccionar a carapuça delirante com que se veste uma eminente psicanalista argentina ao divagar a partir de um suposto babaca esfolado.

### **Lacan traidor de Freud**

Nada mais oportuno que encerrar estas reflexões com Lacan *lendo* (o gerúndio aqui é de necessidade) um aforismo freudiano. Falo da máxima *wo es war, soll ich werden* e dos seis ou vinte modos diferentes de Lacan traduzí-la.

Poderíamos supor que procura a versão mais fiel ao mestre, ao passo que deveríamos perceber que lhe está confiscando a expressão para melhor afetar o francês que fala. É isso mesmo, ele faz (ou pretende fazer) algo à língua – assim como o duque de Sade “fez mal à moça”.

Cabe conjecturar se não está usando o alemão do outro para torturar a língua à qual está acorrentado; quem sabe levá-la ao limite, até tocar o ponto de uma impossível separação. Como Mallarmé fizera ou como Joyce, com o inglês. O problema é que ao comer Freud, Lacan não apenas o assimila, ele mesmo se transforma. Quero dizer que traduzir Freud, criticar-lhe o conceito e elaborar o próprio são um só e único movimento.

Dirão vocês que o francófono está mais interessado na própria língua que na do outro; que o alemão deve servir-lhe e não o contrário. Como não concordar com tal opinião? Mas o *che vuoi?* – que se diz em italiano, mas é uma referência literária francesa – não se dirige a nós, por acaso, que não somos franceses e nos defrontamos com um “*là où c’était, ... dois-je advenir?*”<sup>20</sup> Haroldo de Campos propunha *transcriar* em vez de traduzir, com o intuito de indicar o desafio lançado pelo livro ao tradutor como escritor. A obra desafia-o a ousar apropriar-se, por sua conta e risco, do texto do autor, menos para transferir-lhe o significado que para se deixar transpassar pelo espírito da sua letra.

Nossos tradutores conformistas, conservadores ou simplesmente preguiçosos, costumam abdicar da vantagem que temos em relação aos franceses, por possuímos dois verbos, *ser* e *estar*, ali onde eles têm apenas um, *être*, e optam por normalizar a versão traduzindo *sempre* o *là où c’était* como “lá onde isso *era*”.

Com esta opção, que responde a uma política da língua que não se reconhece como tal, perdem (e os leitores brasileiros e argentinos junto com eles) todas as nuances teóricas e clínicas que Lacan, com tanta dificuldade – devido, precisamente, ao verbo único – tenta fazer passar para os franceses, e que teria sido tão fácil aproveitar em nossas línguas. Ou seja, nos privamos de um recurso que não apenas deixaria a versão mais bonita, como mais preciso o conceito. Cortazar não estava sendo apenas gentil, acredito, quando escreveu que a versão de Haroldo de Campos (voltando a ele) de não lembro qual poema seu melhorava o original, isto é, dizia melhor em português o que ele queria dizer em castelhano.

Não fosse pelo trabalho de leitor de Lacan, o *Wo Es war, soll Ich werden* nunca teria se tornado a máxima do fim da análise. Existem vários ensaios sobre este assunto e não me parece necessário acrescentar-lhe outro. Resumo apenas o percurso de sua leitura.

A 31<sup>a</sup> das Novas conferências de introdução à psicanálise, de 1932, conclui com esta frase: *Wo es war, soll Ich werden: Es ist Kulturarbeit wie die Trockenlegung der Zuydersee*. “É um trabalho de civilização, como a drenagem do Zuydersee”.<sup>21</sup> Portanto, assim como a civilização ganha ao mar terra para cultivar, assim a psicanálise ganha ao Isso território para o Eu.

Além de escolher uma figura espacial (*Wo* quer dizer “onde”), Freud não disse nem *das Es* nem *das Ich*, “como fazia habitualmente para designar essas instâncias em que havia ordenado, já fazia dez anos, sua nova tópica”.<sup>22</sup> Ou seja, está usando “eu” e “isso” como pronomes na frase, não como substantivos, nuance que não escapa a Lacan e que ele, tenta por sua vez, fazer passar aos seus leitores ainda que ao preço de um certo forçamento da sua própria língua: “Là où c’était, peut-on dire, là où s’était, voudrions nous faire qu’on entendît, c’est mon devoir que je vienne à être”.<sup>23</sup> Vera Ribeiro nos entrega esta sentença assim: “Ali onde isso era, como se pode dizer, ou ali onde se era, gostaríamos de fazer com que se ouvisse, é meu dever que eu venha a ser”.<sup>24</sup> A opção por “ser” se justifica plenamente aqui porquanto Lacan estava em 1955 pesadamente sob a influência da concepção heideggeriana da linguagem como “morada do ser”.<sup>25</sup> Ele mesmo não deixa lugar a dúvidas, já que antes tinha escrito:

[...] é no lugar, *Wo*, onde *Es*, sujeito desprovido de qualquer *das* ou de qualquer outro artigo objetivante (é de um lugar de ser que se trata) era, *war*, é nesse lugar que *soll*, devo – e é um dever moral que se anuncia aí, como confirma a única frase que sucede a esta para encerrar o capítulo – *Ich*, ali devo [...] *werden*, tornar-me, isto é, não sobrevir, nem tampouco advir, mas vir à luz, desse lugar mesmo como lugar de ser.<sup>26</sup>

Não é, contudo, a mesma situação dez anos mais tarde, quando conjectura uma *lógica da fantasia* e problematiza o *ato do psicanalista*. E aqui já não se justifica de modo algum traduzir *être* sistematicamente por “ser”. Minha reivindicação de “estar” pode parecer um preciosismo estilístico, mas a descrição do ato analítico mediante o semi-grupo de Klein feita em 1968, fica incompreensível se nos privarmos do recurso a este verbo. A título de ilustração:

Estou ali naquele “penso”? [*Est-ce que dans ce “je pense”, j’y suis?*]. Para estar lá [*pour être là*] como inconsciente não é necessário que eu tenha pensado [conscientemente] como pensamento o que concerne ao meu inconsciente. Lá onde o penso é para deixar de estar em casa [*là où je le pense, c’est pour ne plus être chez moi*]. Não estou mais lá [*Je n’y suis plus*]. Não estou mais lá em termos de linguagem, do mesmo jeito que, quando faço responder à pessoa que atende a campainha: “O Sr. não está”, trata-se de um eu não estou enquanto que é dito.<sup>27</sup>

Para que complicar, então, com considerações metafísicas o *là où c’était, je dois advenir*, se ele passa suavemente para o português e exprime a nossa experiência como *lá onde estava, devo advir?* Onde é que eu estava com a cabeça, mesmo? A língua parece saber que não sou contemporâneo do meu ato; que sempre estava mas nunca estou nele. Que eu também saiba disso não muda nada, já que conhecer a lógica do que se repete nunca evitou ninguém de tropeçar mais uma vez com a mesma pedra. O dever de advir ali é outra coisa, visto que tem a forma do imperativo categórico kantiano. Seria a máxima que cada analisante teria que dar a



si próprio em cada psicanálise: encarregar-se de uma invenção cujo resultado ninguém pode prever ou garantir. Se poderei fazê-lo; se quereirei fazê-lo, já são outros quinhentos. Trata-se em todo caso de perguntar a mim mesmo se posso estar de outro modo naquilo que faço.

---

## Notas

- <sup>1</sup> Trabalho apresentado na *Reunião Lacanoamericana da Psicanálise de Brasília*, setembro 2011.
- <sup>2</sup> Gostaríamos de agradecer a Wael Oliveira, pela sua revisão meticulosa do presente trabalho.
- <sup>3</sup> Psicanalista, membro da *Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, praticando em São Paulo.
- <sup>4</sup> “Esses *latino-americanos*, como são chamados, diferentemente dos que aqui estão, nunca me viram ou escutaram de viva voz – bem – isso não os impede de serem *lancanos*. Mais, ainda, parece até que ajuda. Eu sou transmitido lá através da escrita e dizem que finquei raízes. Em todo caso, é o que aceditam. Decerto é o futuro. [...] Estou interessado em ver o que acontece quando minha pessoa não funciona como anteparo (*écran*) para o que ensino. [...] Vocês não podem imaginar a quantidade de pessoas incomformadas pelo fato de eu ter decidido aparecer por lá, e ter decidido arrebanhar os meus *lancano-americanos*”. Notas de la Escola Freudiana, 1980, documento de circulação interna.
- <sup>5</sup> *Poubellication*. É um neologismo, como todos, metade *blague* metade crítica ou passagem de um conceito, que junta publicação com lixo (“publixar”, entre nós), aqui, no caso, crítica de uma política de leitura reinante no meio psicanalítico e universitário na década de sessenta.
- <sup>6</sup> Lacan, Jacques. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, 9. Refiro-me à edição francesa, já que a versão castelhana dos *Escritos* com que trabalho escamoteou este prólogo.
- <sup>7</sup> Este com a vantagem de fazer ouvir em nossa língua uma inesperada evocação da morte.
- <sup>8</sup> Lacan, Jacques. “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien”. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, 793-827: 800.
- <sup>9</sup> Lacan, Jacques. “The subversion of the subject and the dialectic of desire in the Freudian unconscious.” *Écrits, a selection*. Trad. Alan Sheridan. New York/London: Norton, 1977: 292-325, 299.
- <sup>10</sup> Lacan, Jacques. *Escritos*. Trad. Tomás Segovia. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971, 183.
- <sup>11</sup> Lacan, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, 192.
- <sup>12</sup> Borges conjecturava que o mapa ideal teria uma escala 1:1 e coincidiria pontualmente com o real geográfico.
- <sup>13</sup> Três rabinos discutem. Dois deles concordam, o terceiro discorda. Este último apela: “Que caia um raio agora se eu estiver certo!” O raio cai. Os outros dois se entreolham espantados, mas um deles diz: “Não valeu, um raio não é um argumento”.
- <sup>14</sup> Menciono o sujeito porque era o tema de discussão: o sujeito que surge das formações do inconsciente e que Lacan se opõe a fundamentar a partir da empiria da clínica.
- <sup>15</sup> Lacan, Jacques. *L’Angoisse : Le Séminaire livre X*. Paris: Seuil, 2004, 193.
- <sup>16</sup> Lacan, Jacques. *El Seminario libro X*. Trad. Irene Agoff. Buenos Aires: Paidós, 2005, 198.
- <sup>17</sup> Lacan, Jacques. *O seminário livro X*. Trad. Vera Ribeiro. Rio: Zahar, 2005, 203.
- <sup>18</sup> Lacan, Jacques. *Anxiety: Seminar X*. Trad. Cormac Gallagher. (versão não milleriana do Seminário):<http://www.lacaninireland.com>
- <sup>19</sup> de Sade. *Historia de Juliette ou Las prosperidades del vicio*. Madrid: Tusquets, 2009, 96.
- <sup>20</sup> Lacan, Jacques. “La science et la vérité”. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966: 855-876, 864.
- <sup>21</sup> Freud, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989, 74.
- <sup>22</sup> Lacan, Jacques. “A Coisa Freudiana”. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, 419.
- <sup>23</sup> Lacan, Jacques. “La chose freudienne ou Sens du retour à Freud en psychanalyse”. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, 401-436: 417f.
- <sup>24</sup> Lacan, Jacques. “A Coisa Freudiana”. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- <sup>25</sup> Se bem que *Dasein*, diga muito literalmente, ‘estar aí’. Em: Heidegger, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica*. São Paulo: Forense Universitária, 1996, 89. Quando explica que a

“pedra é sem mundo”, diz que ela “é o que é, e está aí (*Da*) onde está” e tudo isso vai com o mesmo *sein*.

<sup>26</sup> Lacan, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, 418.

<sup>27</sup> Lacan, Jacques. *L'acte psychanalytique*. Leçon de 10/01/1968. Versão da *Association Freudienne Internationale*. Versão não autorizada de circulação interna.